

A escravização dos índios

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO

num texto missionário

em língua geral
do século XVIII

INTRODUÇÃO

N

a segunda década do século XVII começava a colonização portuguesa na Amazônia. Os luso-brasileiros deixavam, enfim, de habitar somente a costa leste e passavam a interiorizar sua presença no território brasileiro, iniciando atividades produtivas.

Mas, em qualquer situação de colonização de exploração, a escravidão era uma condição *sine qua non* do desenvolvimento das atividades econômicas, e o índio das missões católicas, dado o seu treinamento para o trabalho sistemático, era muito valorizado pelo sistema agrário-exportador colonial.

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO
é professor de Tupi Antigo e Literatura Colonial Brasileira e autor de, entre outros, *Método Moderno de Tupi Antigo*, *A Língua do Brasil dos Primeiros Séculos* (Global) e *José de Anchieta, Teatro* (Martins Fontes).

Contudo, a escravização do indígena fora, muitas vezes, desde o século XVI, questionada por bulas papais e proibida por documentos régios. As missões católicas, principalmente as dos jesuítas, carmelitas, franciscanos e mercedários, arrebanhando e aldeando os índios, procuravam catequizá-los, evitando que fossem aprisionados pelas tropas de resgate que, então, subiam os rios amazônicos em busca de mão-de-obra para o trabalho nas fazendas e engenhos paraenses e maranhenses.

Com efeito, na primeira metade do século XVII, tais tropas de resgate eram a principal forma de recrutamento da mão-de-obra indígena. Segundo Monteiro (1992),

“[...] as tropas, devidamente licenciadas pelas autoridades régias, em teoria visavam a resgatar índios destinados a ser devorados por seus inimigos. Porém, poucas tropas observavam pontualmente a lei, tornando-se pretextos para a escravização e destruição de inúmeras tribos ao longo dos principais rios da Amazônia. Com o financiamento de comerciantes de Belém ou São Luís, que também se interessavam pelas *drogas do sertão*, sertanistas especializados organizavam frotilhas de canoas para penetrar os caudalosos rios da Amazônia”.

Segundo Monteiro (1992), “o Governador Francisco Coelho de Carvalho, por exemplo, ganhou notoriedade enquanto próspero negociante de tapuias, enviados para as capitanias do Nordeste e até para as colônias espanholas”.

Os conflitos entre missionários e as tropas de resgate financiadas pelos fazendeiros e donos de engenhos chegaram, em alguns momentos, a tal intensidade que os missionários foram expulsos pelos colonos em 1661 do estado do Maranhão. Em 1680, uma lei proibiu enfaticamente o cativo dos índios, o que levou o fazendeiro Manuel Beckman, em 1684, a depor o governador do Maranhão e a expulsar novamente os jesuítas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O TEXTO “LIDA DOS MISSIONÁRIOS COM OS SERTANEJOS”

O texto que ora apresentamos é raríssimo, o único conhecido a tratar, em língua geral amazônica do século XVIII, da escravização dos índios. Na verdade, narra diferentes episódios, situações diversas, mas todas referentes ao apresamento dos índios. Há, com efeito, no poema em análise, a narrativa de quatro acontecimentos distintos.

Numeramos os versos para melhor analisá-los.

Os seis primeiros versos dos textos em análise sugerem-nos que eles são de autoria de um visitador de uma ordem religiosa, talvez um jesuíta. Por estar o poema em língua geral, concluímos que o ano de redação do texto remonta a antes de 1758, quando Pombal, em seu Diretório, proibiu seu uso e ensino.

Vemos no verso 64 que o apresador de índios trazia papéis, provavelmente de administradores coloniais corruptos, que lhe davam autorização de escravizar índios. Mas o padre que o enfrentava disse-lhe não haver índios na aldeia (do verso 74 em diante). Tal deveria ser, com efeito, uma estratégia de defesa dos índios pelos missionários, isto é, fazê-los desaparecer nas matas nas situações de perigo. Mas os apresadores, cômicos das fraquezas dos índios, corrompem-nos com presentes, com bebida e fumo (versos 105-13). A convivência de índios e até sua participação na escravização de seus companheiros ficam evidenciadas nos versos 120-35. Os outros três relatos vão no mesmo sentido do primeiro, mostrando os esforços de um missionário na defesa dos índios, a cooptação destes pelos brancos escravizadores, etc.

Na tradução a seguir não acompanharemos a pontuação feita no texto em língua geral, por este estar escrito de forma bastante livre.

LIDA DOS MISSIONÁRIOS COM OS SERTANEJOS

Primeiro relato

Cetà catù tàpe aicò	Muitas vezes estou nas aldeias	
Cecè aimocüar aõáma	para fazer perquirições ¹ .	
Acuáb catú tapyýia recó,	Conheço bem a vida dos tapuios;	
Acuàb abé ñangaturáma	conheço também suas virtudes.	
Aporomonghetà nhè nhè	Converso com muita gente;	5
Iepinhè abé aporomböé.	sempre também instruo o povo.	
Nouatár möabaipàra,	Não faltam os que causam dificuldades,	
Nouatár Caraibetà	não faltam brancos,	
Nouatár uataçára,	não faltam viajantes	
Taba rupí ogoatàgoatà:	que pelas aldeias ficam a perambular.	10
Carãíba, Tapyýia bé,	Os brancos e os tapuios	
Opabenhé ñabaetè.	são todos terríveis.	
Ygarupàpe ocýramé	Assim que chegam ao porto,	
Coritéi Caraíba océm,	logo os brancos saem	
Paí róca recé omäé	e olham para a casa do padre.	15
Iäóba poranga ceacoén,	Suas belas roupas encantam.	
Ità gapéma abé oberáb,	As espadas também brilham.	
Äé abé onhemokyryrymbáb.	Eles também são completamente calados.	
Vestia túrino, caçaca abé	Vêm também vestes e casacas	
Pabe veluto çüí goàra	todas de veludo.	20
Çapatù nhó mirí çabé,	Só sapatos pequenos;	
Äé noiocýb cerecoára,	não os limpam seus donos.	
Chapeo iapara oguereco,	Chapéus curvos eles têm;	
Ipòpe bastao mirí oico	nas suas mãos há pequenos bastões.	
Memémegué ogoatàgoatà,	Lentamente eles ficam a caminhar.	25
Äé abé meguémegué omäé,	Eles também olham devagar;	
Onheenga oimoparatã,	endurecem suas palavras.	
[...]	[...]	
Tuibäé abé ygápýrpe oçó,	Os velhos também vão para perto das canoas	
Iirúmo abé cemirecò	e, com eles, suas esposas.	30
Aé ygárpe catú opytà,	Elas ficam nas canoas	
Í irúnamo cemiauçuba,	e, com elas, seus escravos.	
Umambäé oimondyc tatá,	Estes acendem o fogo.	
Çupi äé guaimí pitúba,	Assim que as velhas se untam,	
Mirí mingauí oimonhang	fazem um pouco de mingau;	35
Äé cöyté oçääçááng.	eles, enfim, ficam a prová-lo.	
Paí robaké oçó potar uán	Para diante do padre já querem ir	
Aé Carãíba tuibäé,	aqueles brancos velhos.	
Ixüí Paí onhemoçainán,	Com eles também o padre se preocupa.	
Oikè çocapúpe cöyté,	Entra, então, em sua casa.	40
Cecè Carãíba oporandub,	A respeito dele os brancos perguntam.	
Pe Paí, éí, pemomorandub.	Dizem: – <i>Informem o seu padre.</i>	
Cunumietà Paí ocenöi;	Muitos meninos chamam o padre:	
Paí gui, éí, Caraibareté	– <i>Ó padre, dizem, os brancos</i>	

¹ O autor do texto parece ser o visitador da ordem religiosa responsável pelo aldeamento.

Tupàna turuçù eté eté, Äé cori xe pytybõ Naxendemopyäfb potár, Xe ïoecéne catú aimocuár Caräíba cöyté ygarpe oçó, Míngaú mirí õú aõáma, Äépe ogoacem cemirecó, Ixupè õár agoeràna: Oména pyäibetè eté Porque goemirecó oimöetè. Pytyneme ogoatágoatá Opabenhè taba rupí, Moçapýr abà oimonghetà, Ixupè oimeeng caõj, Oimëeng abé cetà mbäé, Baieta, ruão, paneté. Ygára pupé õár iré, Coritéitè oiepabóc, Apyabetà recé omäé, Petýma abé cöyté oimondóc, Apyabetà oimöapycyc, Caõj ixupé nití ocýc. Paí Pacicù cöemramè Çocapú çuí eçapyà ocem, Ygarupába recè omäé, Ygáraýma rí i putucem Oçó paném õimoáu Äé recè ipyà turuçú. Tubixába Paí pýri oçò Xe pyäíbetè Pai guè, éí, Caräíba poxi ogoeraçó Giràna ferrerù mirí; Ogoeraçò abé sacristão, Ieporacaçarábè Bastião. Aipò Paí ocendù ramè, Nocendù iabé nungàra; Onhemopotupàb eté, Ixüi ocanhém mirí ára; Éí cöyté: xe porëauçúb, Nde Tubixàba pitúba. Ereicò çabëupór uçú, Xe recé nití ereimocüár, Xe çuí abé nití erepotiçú, Nde recò nití ereiporacár, Nde Tubixaba mõanga, Ouatàr indèbo poçanga. Aipobäé onhëengramè	<i>Deus é muito grande; Ele me ajudaré. Não quero contradizer-te; por mim mesmo investigarei.</i> 95 O branco, enfim, foi para a canoa para comer um pouco de mingau. Ali encontrou sua esposa. Embarcou com ele, com seu marido do coração muito mau 100 porque sua esposa o respeita. De noite ficaram andando por todas as aldeias. Conversaram com três índios, deram vinho para eles, 105 deram também muitas coisas, muitos brincos, rum, muitos panos. Depois embarcaram numa canoa e logo partiram. Olham para os índios, 110 também picam fumo, enfim. Satisfazem os índios. Vinho para eles não acaba. O Padre Francisco, de manhã, de sua casa sai de repente, 115 olha para o porto, com a falta de uma canoa fica chocado. Foi chateado; enganaram-no. Por causa disso seu coração ficou angustiado. Um chefe vai para junto do padre 120 e diz: – <i>Eu estou muito triste, ó padre.</i> <i>O branco mau levou o pequeno ferreiro Girana; levou também o sacristão e o pescador Bastião também.</i> 125 Quando o padre ouviu isso ficou como se não ouvisse; preocupou-se muito, faltou-lhe um pouco o ar. Disse, enfim: – <i>Eu estou aflito.</i> 130 <i>Tu, um chefe ungido agiste como um grande bêbado. A mim não o avisaste, de mim também não tiveste medo. Teu dever não cumpriste.</i> 135 <i>Supondo-se que tu és um cacique, faltou a ti uma providência.</i> Quando falou isso,
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Oiecüab catu çotínga,
 Pai Pacicù cecè omäé,
 Öúr ěí amó abá tinga;
 Iuruparí çupí aroirõ,
 Caräiba çuí aiemirõ.

transpareceu bem sua indignação.
 O Padre Francisco olhou para ele
 e disse: – *Veio um homem branco;*
o diabo detesto, na verdade.
Por causa do branco estou indignado. 140

Segundo relato

Quatro abé ygaruçu oïecuáb,
 Cecè catù Paí omäé,
 Cecé abé Paí onheçobaçüb,
 Cecé abé iputupáb eté,
 Oçó cöyté missa monhang,
 Äé riré almoço oçääng.
 Almoço miri öú riré,
 Oito Caräiba ogoacem
 Tupã róca robaké,
 Ixupé oimëng iandé cöem,
 Çakicoèrabépabé oçó,
 Opópe abé papéra oicó.
 Opatatù ogoapýc cöyté.
 Pai roca robaké catú,
 Papéra oimëng Paí çupé,
 Paí äéreme oiepeju:
 Paperetà oimöacub Paí,
 Cecé abé äé cyái mirí.
 Caräibetá çupé ěí Päi,
 Opauán çupí Apyábetá,
 Pegoatà cuab Taba rupi,
 Peguacemne Cunhätá;
 Xe acanga çacy xe çuí,
 Tenhé umé peicò xe ri.
 Aipobäé onhëngiré
 Paí apycába çuí opüàm,
 Caräibetá cecè omäé,
 Opabenhè abé opüám;
 Pepotárpe ipó amò mbäé?
 Oporandú Paí ixupé,
 Oropotár apyabetá,
 Cecé aóáma orojúr iqué,
 (Iabè onhëng Caräibetá.)
 Noropotár amó mbäé,
 Niti oroçò potàr paném
 Apyàba corí orogoacem
 Auiebéte, ěí Päi, pecoái,
 Pegoacemramè peraçó,
 Pe recène ipó oiemocerái,

Apareceram também quatro navios;
 para eles o padre olhou. 145
 Por causa deles o padre fez cara feia,
 por causa deles também ele ficou muito preocupado.
 Foi, então, celebrar a missa.
 Depois disso, provou o almoço.
 Depois de comer um pouco o almoço,
 chegaram oito homens brancos
 diante da igreja. 150
 A ele deram bom-dia.
 Todos estavam em busca dele.
 Em suas mãos também havia um papel. 155
 Todos se sentaram, então.
 Bem diante da casa do padre
 um papel deram ao padre.
 O padre, então, respirou fundo.
 Muitos papéis fizeram o padre ficar febril;
 por causa deles, também, ele suou um pouco. 160
 Para os brancos disse o padre:
 – *Acabaram-se, na verdade, os homens.*
Estai andando pelas aldeias;
encontrareis mulheres. 165
Minha cabeça dói.
Em vão vocês estão comigo.
 Depois de falar isso,
 o padre levantou-se da cadeira;
 para os homens brancos olhou;
 todos também se levantaram. 170
 – *Vocês desejam, na verdade, alguma coisa?*
 perguntou o padre a eles.
 – *Queremos homens;*
por causa disso viemos aqui. 175
 (Assim falaram os brancos.)
 – *Não queremos outra coisa,*
não queremos ir em vão.
Índios hoje encontraremos.
 – *Muito bem,* disse o padre, *ide,*
quando os encontrardes, levai-os. 180
Por causa de vós certamente fugiram.

Napecuàb tapyýia recó;	<i>Não conheceis os hábitos dos tapuios.</i>	
Peremimotara rupi,	<i>Por favor,</i>	
Cöyté penhëengumè xe rí.	<i>não faleis comigo, enfim.</i>	185
Carùc ypyramè catù	Logo no início da manhã	
Caräibetà pýri oçò	para junto dos brancos foram	
Moçapýr cunumigoaçú,	três moços,	
Ïrúmo cacuáb mocõí nhó;	com eles alguns adultos ² .	
Caräibetà oporepymëeng	Os homens brancos compraram gente;	190
Cetà mbäé ixupé oimëeng.	muitas coisas deram a eles.	
Coritéi, ëi, iaçò potár,	Disseram: – <i>Logo queremos ir.</i>	
Pejor eçapyà ygàra pupè;	<i>Venham logo para dentro da canoa.</i>	
Pe nhëenga corí ororobiár,	– <i>Nas suas palavras acreditaremos,</i>	
Ëí, cöyté apyabetà ixupé,	disseram, afinal, os índios para eles.	195
Peiopý ucár mimbýgoaçú,	– <i>Mandem tocar a buzina</i>	
Äéreme noroicò pucú.	<i>e então não demoramos.</i>	
Pyçajeramè oiopý ucár	Assim que, altas horas, mandaram tocar	
Caraibetà mimbýgoaçú,	a buzina os brancos ³ ,	
Apyabetà cöytè oròär	com os índios, enfim, embarcaram	200
Ygàra miri pupè öürü,	dentro de pequenas canoas,	
Opabenhé abé ombäé,	e todas as suas coisas.	
Oçó çopixápe cöyté.	Foram, finalmente, em busca de seus companheiros ⁴ .	
Niti oiecüàb apyabetá,	Não apareceram os índios;	
Ygáruçù pupè noçó.	para dentro do navio não foram.	205
Ipyäíba caraibetà,	Os brancos eram de mau coração:	
Mocõí tapyýia rocupe oçó.	foram para a casa de dois tapuias;	
Äépe niti abà ogoaçem	ali ninguém encontraram ⁵ .	
Cöyté Caraibetà obacem.	Finalmente os brancos acharam	
Oiepè tápe erimbäé,	uma aldeia.	210
Caräíba oporepymëéng	Os brancos compraram gente	
Mocõí pyçaieramè;	às duas da madrugada.	
Çocapóra çupè onheeng	Falaram a um morador da casa deles:	
Ecoäì çakicoéra catú	– <i>Vai atrás deles.</i>	
Aõa noicò aõáma pucú.	– <i>Eles não tardarão⁶.</i>	215
Çakicoera Caftis oçó,	Atrás deles vão os cafetões,	
Apyabetà càa rupi,	os índios pela mata.	
Oporepycoéra aõa ogoeraçó,	Seus reféns eles levam.	
Tocäkyra Caftis oiopi;	Tocandiras ⁷ picam os cafetões.	
Oiabáb mocõibé cöyté,	Fogem alguns, enfim.	220
Ogoeraçó pabè mbäé	Levam todas as coisas;	
Oiepé nhó panna omombór,	só um pano deitaram fora.	
Caftus teité äé opycýc,	Os cafetões pegaram muitas coisas,	
Oçó ygárpe bé, ëí, Senhor,	foram para a canoa de novo e disseram: – <i>Senhor,</i>	
Tocäkyra ybýpe xe reitýc,	<i>as tocandiras no chão me derrubaram.</i>	225
Cöyté Apyabetà oiegoacem,	<i>Enfim, muitos índios fugiram⁸.</i>	
Có panna nhó ybýpe ogoacem.	Este pano somente no chão acharam.	
Caräiba ipyàibetè,	Os brancos são muito maus;	
Nábäé onhëengcüàb	nada sabem falar	
Aipobäé oçendúramè;	quando aquilo ouvem.	230

2 A estratégia do padre de fazer os índios fugirem para a mata quando da chegada de tropas de resgate falhava: alguns índios, cobiosos de prendas, entregavam-se aos brancos.

3 A cooptação dos índios pelos brancos fazia-se, geralmente, a altas horas.

4 Isto é, índios corruptos foram buscar seus companheiros para vendê-los aos traficantes, mas eles não apareceram de imediato.

5 Os índios, em sua maior parte, boicotavam os traficantes de escravos, desaparecendo.

6 Pela resposta do índio, vê-se que ele fora corrompido pelos traficantes.

7 *Tocandiras* são uma variedade de formiga (*Paraponera clavata*), comum na Amazônia, de coloração preta, que atinge até 22 mm de comprimento. De picada muito dolorosa, é capaz de produzir vômitos.

8 Lemos que formigas *tocandiras* picaram os que traficavam índios, e os reféns fugiram, aproveitando-se disso.

Terceiro relato

<p>Cõemramé oiecüáb Paí robaké catú Apotár, éí, apyábuçù Có pytùna pupé, éí ixupé, Mocõì ereporepymëeng, Ndèbo aõa çupi auié, Amò çupè abápe aimëeng? Ereiemurõ úán xe çuí, Narecói apyába, nem mirí. Oiepè caráíba çupé Paí apyába catú oimëeng; Äbé pyçaieramé Amò oporepymëeng, Mocõì ogoeraçò potár, Mocõìbè äéreme ouatár. Oiepè abá Paí pýri oçó, Aípobäé recè oimomorandúb; Apyába recè Paí oicó Äé çupi oimomorëauçúb, Mondèpe cöyté oinongucár, Cecè abè mirí opöár Caraíba pyçaieramé Mimby goaçu oiopý ucár, Oiepabóc potar cöyté, Äé ri apyába ocenõì ucár, Çupí catú oiopý tenhé, Noçó cüab ygàra pupé Noiecüáb, mondépe oicó Iporepycoéra Paí pópe abé, Paí cöyté ixuí opycyrõ Arquibujo poxí eté, Cõemramè oieruré Paí supé apyába, arquibujo abé. Paí äéramé ocenõì ucár Apyába oimeegagoéra; Xe räýra guí eiecéár Cöyr nde porepycoéra Apotár ereputúú Paý có caraíba nopöuçú. Çobaké Paí onupā ucár Apyába Marzal ceribäé Éí caraíba çupé, epapár, Äé ocepymëeng nde recé Eimböé amó ára pupé, Tenhé enhemöabaeté.</p>	<p>De manhã aparecem bem diante do padre. Dizem: – <i>Queremos muitos índios nesta noite.</i> <i>Venderás dois;</i> 235 <i>para ti eles estão prontos.</i> – <i>Quem dou a quem?</i> <i>Não fiques com raiva de mim;</i> <i>Não tenho índios, nem pequenos.</i> Para um branco 240 o padre um bom índio ofereceu⁹. Logo de madrugada alguns compraram gente. Queriam levar dois; poucos, então, faltavam. 245 Um homem vai para junto do padre, informa-o a respeito disso. Pelos índios o padre vive. A ele, na verdade, deixam aflito. Numa armadilha, enfim, fazem-no colocar; 250 amarram-no nela um pouco¹⁰. O branco, de madrugada, manda tocar a corneta; quer partir, finalmente. Por isso, manda chamar os índios. 255 Na verdade, tocou em vão: não estavam indo para dentro da canoa¹¹. Não apareceram. Estavam numa armadilha. Seus reféns, nas mãos do padre também. O padre, enfim, livrou-os deles 260 e dos arcabuzes muito terríveis. De manhã pediram ao padre homens e arcabuzes¹². O padre, então, manda chamar o índio que entregara¹³: 265 – <i>Ó meu filho, une-te agora aos resgatados por ti.</i> <i>Quero que descanses.</i> O padre não temia esses homens brancos. Diante deles o padre mandou castigar 270 um índio chamado Marçal¹⁴. Disse diante dos brancos: – <i>Conta,</i> <i>eles te pagaram.</i> <i>Ensina-os algum dia,</i> <i>sê digno.</i> 275</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

9 Apesar da recusa inicial do padre em oferecer índios aos traficantes, ele cede um deles para enganá-los.

10 Os traficantes amarraram o padre, mas este já tinha montado um plano que haveria de ser vitorioso.

11 Isto é, os traficantes foram enganados, sendo que seus reféns estavam a salvo, protegidos pelo plano urdido pelo padre.

12 Esses versos sugerem que os índios que frustraram os planos dos traficantes pediram ao padre reforços contra estes.

13 Isto é, aquele índio que o padre aceitara entregar aos traficantes para tratá-los, a que fizemos referência na nota 9 (versos 240-1).

14 O padre manda castigar o índio Marçal porque colaborara com os traficantes.

Carãiba cöyté oçó paném
 Nem oiepé abá ogoeraçó
 Aipobaé çupi ogoacém
 Porque noiporacár cecó
 Iabé catú Paí oïmböé
 Æé Carãiba poxi eté

Os homens brancos, enfim, vão sem resultado.
 Nenhum índio levaram.
 Esses a verdade encontraram
 porque não cumpriram seu plano.
 Assim o padre ensinou 280
 aqueles homens brancos muito maus.

Quarto relato

Oiepé Carãiba erimbäé
 Paí tucura robaké ocýc,
 Apyába ixupé oieruré;
 Paí Carãiba noimöapycýc,
 Paí cöyté ixupé éí,
 Nacatúí aicó Senhor guí;
 Carãiba éí, eré Paí gué,
 Ëmëeng ixébo Apyába,
 Iabé xe rory cüab eté,
 Iabé abé nde Tupã rauçupaba,
 Ëí Paí háí, háí, Jesu guí,
 Nde mäenduár xe rí.
 Æé carãiba teité
 Çupi catú ocanhecanhem,
 Niti pyry oieruré
 Ocendú ramé Pãí oçacem:
 Pãí äéreme oputuú,
 Carãiba pyà turuçù.
 Cöytè iebyr oieruré
 Paí çupé oiepé Apyába,
 Paí iebyr éí, Jesús gué;
 Xe pyà oicò xe iucaçába;
 Ëí ixupé, çacy xe pyà,
 Tupã irúnamo epytà.
 Çocapupe cöyté Paí oiké
 Kyçába pupè onhenong;
 Carãiba onhëeng ixupé;
 Erepotârpe xe nde poçanong?
 Arecò poçanga catú
 Ixuí tenhé eieguarú
 Inhëenga Paí noçobaixoár,
 Nocendù nungara oicó;
 Carãiba cöyté i pytubar,
 Paí çüíabé oiemurö;
 Oçò äéreme ygàra cotý,
 Ocururùc pe rupi.

Um certo homem branco, outrora,
 chegou diante do tugúrio do padre.
 Pediu índios a ele.
 O padre não o satisfez. 285
 O padre, enfim, disse a ele:
 – *Não estou bem, ó senhor.*
 O homem branco disse: – *Tu dizes, ó padre.*
Dá-me índios,
e tanto eu fico muito feliz. 290
quanto tu serás objeto do amor de Deus.
 Disse o padre: – *Ai, ai, ó Jesus,*
lembra-te de mim.
 Aquele homem branco desfigurado,
 na verdade ficou atônito. 295
 Não pediu mais
 quando ouviu o padre gritar.
 O padre então sossegou.
 A paciência do branco era grande.
 Finalmente, voltou a pedir 300
 ao padre um índio.
 O padre de novo disse: – *Ó Jesus,*
meu coração é-me causa de morte.
 Disse-lhe: – *Dói-me o coração,*
fica com Deus. 305
 Em sua casa, enfim, o padre entrou,
 estendeu-se em seu leito.
 O branco falou a ele:
 – *Queres que eu te medique?*
Tenho um bom remédio; 310
dele não tenhas nojo¹⁵.
 O padre não respondeu a suas palavras,
 estava como quem não ouvira.
 O branco, enfim, cansou-se,
 ficou com raiva do padre. 315
 Foi, então, em direção à canoa,
 resmungando pelo caminho.

¹⁵ Isto é, o traficante tinha a intenção de envenenar o padre, pretextando oferecer-lhe remédio para sua indisposição, ao que o padre recusa prontamente.

CONCLUSÕES

Os textos que traduzimos acima são de um realismo impressionante. Neles vemos expressa toda a carga emocional que envolvia situações comuns na Amazônia até o século XIX, facilitadas pela pequena presença do Estado em regiões tão remotas do Brasil, que ficariam, por séculos, à mercê de interesses escusos dos poderes econômicos locais. A escravização dos índios, embora coibida em muitos momentos de nossa história colonial por documentos régios, embora proibida oficialmente, era, como vimos acima, praticada com a clara conivência da administração colonial que, corrompida pelo poder econômico dos fazendeiros e *droguistas do sertão*, permitia

que isso acontecesse. Altos funcionários corruptos de Belém do Pará lavravam autorizações espúrias que tornavam os documentos reais ineficazes e a escravidão dos índios possível.

Um aspecto pouco divulgado dessas práticas criminosas freqüentes na bacia amazônica era a conivência de índios com os traficantes de escravos, inclusive ajudando-os no aliciamento de seus companheiros, entregando-os em troca de presentes de pouco preço.

As situações de tensão vividas nos aldeamentos missionários da Amazônia ficam, nos textos acima apresentados, muito bem assinaladas. Tais situações poucas vezes foram retratadas com tanta nitidez. Daí a grande importância de tais textos para uma melhor compreensão de capítulos tão sombrios da história brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- ANÔNIMO. *Vocabulário da Língua*. Manuscrito anônimo de número 569 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal.
- ADORNO, R. "Los Debates sobre la Naturaleza del Índio en el Siglo XVI: Textos y Contextos", in *Revista de Estudios Hispánicos*, 19, 1992, pp. 47-66.
- BETTENDORFF, Felipe. "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado Do Maranhão", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 72, 1910, parte 1.
- LAS CASAS, Bartolomeu de. *Historia de las Indias*. México, Fondo Económico de Cultura, 1955.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro, Livraria Portugália/Civilização Brasileira, 1938.
- MONTEIRO, John. "O Escravo Índio, Esse Desconhecido", in *Índios no Brasil*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- _____. *Negros da Terra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- VIANA, Hélio. *História do Brasil*. São Paulo, Melhoramentos, 1977.
-